

LIÇÃO 15 — ESTADO INTERMEDIÁRIO (1ª parte)

1) INTRODUÇÃO

- a) Estado intermediário: é o título que se dá ao estado que vai desde a morte até seu destino eterno; para os salvos, este período vai de sua morte até a ressurreição; para os perdidos, de sua morte até o juízo final.
- b) Ressurreição: os salvos serão ressuscitados para estarem para sempre com o Senhor; o Apocalipse fala em “primeira ressurreição” (Ap 20.5-6), mas não fala de segunda ressurreição; a frase “não reviveram até que” (20.5) dá a entender que reviverão para o juízo; porém quando se descreve o juízo final, fala de mortos (20.12) — e não de ressuscitados; esses foram lançados no lago de fogo, que é descrito como “segunda morte” (20.14).
- c) Problemas: o que acontece a alguém depois da morte? Para onde vão os mortos?
- d) Objetivo: definir o que é estado intermediário e esclarecer questões importantes: sobre estado intermediário de justos e injustos a partir da parábola do rico e do Lázaro.

2) ESTADO INTERMEDIÁRIO E MORTE

- a) Morte: sentença de Deus contra o pecado; o pecado rompe a comunhão com Deus e causa a morte; “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23).
- b) Meios de morte: as pessoas morrem por envelhecimento, por violência, acidentes e doenças; todos (justos e injustos, culpados e inocentes) estão sujeitos à morte; até as tribulações e os sofrimentos cooperam para nosso bem (Rm 8.28; Hb 12.6,10-11).
- c) Morte dos ímpios: após a morte e ressurreição de Cristo, todo ser humano é chamado ao arrependimento e à salvação; aqueles que rejeitam o perdão de Deus, morrem em seus pecados e adentram o estado eterno, sem remissão; eles deverão comparecer perante o Supremo Juiz para dar contas de seus atos (Ap 20.13ss).
- d) Morte dos justos: aqueles que se arrependem de seus pecados e confiam em Jesus como Salvador, têm seus pecados perdoados e ficam imunes à condenação eterna; porém ainda morrem, ou seja, sofrem os efeitos do pecado sobre o corpo físico.
 - i) “Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).
 - ii) Corpo e espírito: “E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita” (Rm 8.10-11).
 - iii) “Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte” (1Co 15.24).
 - iv) “então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (1Co 15.54-56).
- e) Estado intermediário: o estado em que se encontram todos os mortos; o corpo humano sofre todos os efeitos da morte, porém sua alma/espírito aguardam o desfecho final; para os salvos, a ressurreição do corpo; para os ímpios, o juízo.
- f) Base bíblica:
 - i) Há poucas passagens que falam claramente sobre o estado intermediário de modo conclusivo.
 - ii) Um dos textos mais utilizados para abordar o tema é a parábola do rico e do Lázaro, mas o objetivo desse texto não é abordar o estado intermediário.
 - iii) Por isso, vamos estudar a parábola para esclarecer alguns pontos antes de prosseguir no estudo do tema.

3) PARÁBOLA DO RICO E DO LÁZARO (Lucas 16.19-31)

a) Contexto: no contexto anterior, Jesus conta a parábola do administrador infiel e faz advertências a respeito das riquezas (16.1-13); a reação dos fariseus é de zombaria, porque eles eram avarentos (16.14); mas Jesus os adverte com respeito ao esforço para entrar no reino de Deus (16.15-18). A parábola é contada aos fariseus.

b) Texto: dividido em duas partes — a vida terrena e a vida pós-morte

i) 1ª parte (vv. 19-22): narra a vida do rico e a vida do pobre e a morte de ambos.

ii) 2ª parte (vv. 23-31): narra o destino distinto de ambos e o diálogo com Abraão.

c) Interpretação: a parábola deve ser interpretada segundo seu contexto e sua intenção; o objetivo não é estabelecer doutrina sobre o inferno e o céu, mas advertir os fariseus a respeito do seu futuro e dos riscos de perderem o acesso a Deus.

d) Falácias a evitar:

i) a parábola não deve ser interpretada como doutrina do inferno e paraíso: caso contrário, deveríamos admitir que o paraíso e o inferno ficam lado a lado, separados por um abismo; as pessoas de um lado assistem a vida dos que estão do outro lado.

ii) Seio de Abraão, Hades e abismo:

(1) Jesus fala do mundo pós-morte segundo figuras muito conhecidas, tanto por judeus como por gentios; esse mundo é dividido entre paraíso (justos) e lugar de tormento (ímpios), separados por um abismo intransponível; porém, literalmente, essa descrição não apresenta a doutrina conclusiva a respeito do mundo pós-morte.

(2) A expressão “seio de Abraão” não é um lugar, sinônimo de paraíso ou “céu”; mas fala da mesa de Abraão, onde o pobre era recebido e se inclinava, em posição de honra, junto ao seio de Abraão (ver expressão semelhante em Jo 13.23).

(3) O Hades (inferno) descreve o mundo dos mortos e não o suplício eterno.

iii) a parábola não deve ser interpretada por classe social: caso contrário, deveríamos admitir que os ricos vão para o inferno e os pobres vão para o céu, apenas por sua condição social em vida; não há nenhuma menção ao caráter de ambos em vida.

e) Interpretação coerente:

i) Rico: representa os fariseus (judeus), que têm acesso à lei e aos profetas, mas não cumprem sua missão de compartilhar e dar testemunho da fé aos gentios.

ii) Pobre: representa os gentios, que não têm acesso às bênçãos de Abraão e padecem sofrimentos porque não recebem testemunho dos filhos de Abraão.

iii) Lição: os fariseus (judeus) poderão ser excluídos das bênçãos de Abraão e perderem todo privilégio de serem conhecedores da lei e dos profetas; ou seja, eles têm tudo que precisam para chegarem ao pleno conhecimento da salvação e para anunciarem a salvação aos gentios; mas os gentios, pela fé, poderão ter acesso a todas as bênçãos de Abraão.

f) Coerência:

i) Esta interpretação está coerente com o contexto e com a doutrina geral dos Evangelhos e do testemunho de Jesus.

ii) Ao tentar fazer doutrina do inferno a partir dessa parábola, perde-se a lição central que é a responsabilidade para com as pessoas carentes (no sentido material e espiritual) que estão sob nossa responsabilidade.

4) PARA REFLETIR

Advertências extraídas da parábola do rico e do Lázaro:

a) Ouvir o testemunho das Escrituras e praticar seus preceitos em vida.

b) Ouvir o testemunho daqueles que anunciam as Escrituras.

c) Compartilhar os bens (materiais e espirituais) com as pessoas ao nosso redor e sob nossa responsabilidade.

d) Saber que nosso destino eterno será decidido pelo justo juiz, que não haverá segunda chance porque nosso coração não muda por chance, mas por arrependimento e fé.